CIDAC
Centro de Documen TL 3560

Entrevista com um superior religioso,
Agosto de 1982
in "Asia Partnership for Human Development"
Newsletter nº 22, Jul - Ago 1983

"Neste momento, certas áreas estão em situação crítica, devido à falta de comida. Outra têm fornecimentos deficientes, de tempos a tempos poucos conseguem alguma colheita de arroz durante estes meses. Nos distritos de Baguia, Luro, Laga, Quelicai e Lhoman, é do pior que tenho presenciado. As pessoas têm todos os dias à residência do padre procurando alimentos. Eu nunca vi isto antes. E se você for às suas casas, tal como eu faço regularmente, pode ver que eles não têm comida. Eles próprios lhe dirão.

As pessoas comem alguns vegetais alcunhados nos campos e raízes de cassava ou de sagu, se conseguirem encontrar.

Mesmo que eles tivessem dinheiro o que não sucede, não podiam comprar comida. Por exemplo, há apenas uma loja que vende arroz no mercado de Baguia, e vende-o por um preço muito elevado, muito mais caro do que em Baucau, onde o preço já é de 300 Rp o kilo. No mesmo mercado não há vegetais, excepto algumas folhas, mas nada de carne.

Havia três moinhos de arroz a funcionar em Baucau Kaburpatch - dois em Baucau e um em Laga. Agora nenhum funciona, porque não há arroz suficiente.

Os relatórios que recebi de outros padres indicam que muitas áreas por todo o país sofrem com a escassez de alimentos.

Isto não significa que não haja falta generalizada de alimentos. Se caminharmos encontramos colheitas de arroz isoladas em Laga, Baucau, Viqueque, Venilale, Natarbora, Natucarabau, Remexio, Laleia, Maliana, Lois, Luro e Lhoman. E a Cruz Vermelha providencia alguma distribuição. Mas há carências muito acentuadas. E os piores meses, Novembro e Dezembro, estão para chegar.

Há várias razões para a escassez. Na maioria dos casos as pessoas não podem ir para os seus campos ou para as florestas, quer para plantar ou colher alimentos. No distrito de ~~Bafatá~~ Bafatá há cito aldeias. Quinze destas estão imobilizadas, portanto, ninguém pode sair ou entrar sem ser rigorosamente revistado. Outras aldeias foram transferidas ou evacuadas e os seus habitantes reunidos à volta da cidade de Bafatá.

As pessoas não podem ir para os seus campos ou porque estão demasiado exaustas ou doentes pela má nutrição, ou demasiado fracas e cansadas, porque são forçadas a ficar em pé toda a noite a fazer guarda (contra a FRETILIN), ao longo das vias principais ou nas aldeias. Se adormecem durante a sentinela podem ser punidas ou aprisionadas.

Para outras, os campos ficaram muito distantes, porque foram transferidas para a cidade principal. Algumas vezes as colheitas não podem ser feitas: as pessoas não podem voltar para trás porque são forçadas a participarem em manobras militares durante todo o dia, são também forçadas a providenciar assistência "voluntária" nos projectos de desenvolvimento tudonísicos, estradas, edifícios, irrigação.

Em acréscimo, há escassez de animais para trabalhar os campos e não há dinheiro para comprar as sementes. As pessoas estão de tal forma aterrorizadas que se reduzem à submissão e inactividade. Não podem ter a certeza de que se voltarem aos campos não serão acusadas de ter ligações com a FRETILIN, que continua activante nestas zonas.

No fim de junho, dois dos três pelotões indonésios sofreram pesadas baixas em ataques pela FRETILIN na área de Los Palos.

Eu falo com as pessoas em todo o lado e elas não se mostram a favor da integração. Isto inclui a gente pobre das aldeias e muitos altos individualidades. Os chefes civis timorenses ficam como estátuas, inseguros de algo contra o que os militares indonésios fazem.

É o exército que organiza tudo. O governo está a construir casas, estradas e escolas, mas as pessoas não acham que isto os ajude. Eles sentem que não os consultaram, sobre o que devia ser feito na sua própria área.

Os timorenses também se aperceberam de que outras ex-colónias portuguesas têm liberdade, e então Timor-Leste?"